



#todostemoshistorias



Este ano o #rocknlaw2017 apoia as pessoas sem-abrigo com doença mental. Vamos contar as vitórias delas, que, com a ajuda da AEIPS, hoje têm casa e trabalho. Vão à página oficial do Rock'n'Law e partilhem as histórias e os rostos porque #todostemoshistorias. Os músicos do #rocknlaw2017 também contam as deles! Parece que os advogados às vezes também sabem tocar e cantar!



Daniel Jesus, 49 anos.

O Daniel gosta de cozinhar. Tem mão especial para feijoadas e gosta quando os amigos vão lá a casa almoçar. Muitos deles, conheceu na #aeips. Se calhar ficou-lhe dos tempos em que era empregado de mesa, em que gostava de ver as pessoas à mesa e de servi-las. A doença mental e a surdez impediram-no de continuar e, com isso, veio a rua. Ocasionalmente uns quartos em pensões ou os albergues que dão teto mas nunca um lar. Um lar é outra coisa, bem sabemos. **“É muito bom viver na minha casa. Tenho sossego, tenho paz, alegria. Estou muito melhor”.**

O Daniel é muito vaidoso e a roupa está imaculada. Tem uma camisa de marca ou a imitar que faz realçar a tez morena e a pele jovem sem vestígios de rua. À medida que os anos passam, os últimos dentro de quatro paredes – as suas -, volta também a vaidade, a exigência consigo mesmo. Parece pouco, mas é tudo.

A imagem conta e vê-se que o Daniel sabe bem disso. Por isso, todos os dias anda um bom bocado a pé. **“Acordo de manhã e venho dar uma volta para me mexer um bocadinho e não estar todo o dia na cama. Para fazer um bocado de exercício. Não que emagreça... mas também não engordo!”.**

Agora anda à procura de emprego, nada que seja fisicamente exigente porque tem consciência das suas limitações, mas sem nunca se deixar levar pela falta de ambição. **“Quería ser porteiro. Já ando há um ano e tal à procura. Se conseguisse isso, era mesmo bom!”.** E é a isso que se dedica à tarde, depois de cozinhar o seu almoço: corre os anúncios de emprego.

Na televisão, a RTP 2. Gosta especialmente de ver programas sobre Natureza e vê filmes. Quando diz isso, começa a rir-se de si próprio: **“Se calhar dão sempre o mesmo mas como sou um bocado esquecido eu não me lembro e vejo na mesma”.**

A Maria tem os traços de uma vida difícil mas o semblante de uma mulher bonita. Tem uns olhos muito doces. Uns olhos de mulher grata pelo sítio onde chegou, depois da tormenta de onde veio. Ter casa para onde ir, uma ideia tão simples mas que para ela aconteceu apenas há nove anos. Antes disso, durante mais de 10 anos, a casa era a rua. **“Agora tenho endereço. Ter uma morada é muito importante”**, diz com orgulho.

A Maria não trabalha porque já não tem saúde para tal. Mas tem pena. Por isso leva os seus afazeres diários muito a sério. Por exemplo, cozinhar para o companheiro com quem vive. **“À noite faço as nossas refeições. Durante o dia vou buscar o almoço à Santa Casa da Misericórdia e à tarde faço algumas compras. É uma vida um bocado estúpida porque não tenho ocupações diárias, que tenha mesmo de fazer. É mais a rotina doméstica em casa”**.

A Maria conheceu o companheiro num abrigo onde viveu durante cinco anos. A Maria gosta muito dele e está orgulhosa porque ele está a aprender a ler e escrever e, sobretudo, já não bebe. **“O meu companheiro está na escola para se alfabetizar. Ele bebia muito e tinha ataques, como é que se diz? De epilepsia. Agora que temos casa, conforto e segurança, já não bebe. E como deixou de beber também já não tem epilepsia. Quando ele vem da escola, eu já fiz as refeições para ele”**.

São pessoas muito diferentes das que viviam num buraco – palavras da Maria – quando lhes foi oferecida uma casa. **“A casa deu-nos muita tranquilidade, muita estabilidade. Agora podemos tomar os medicamentos a horas porque temos condições para isso. Podemos tomar um banho e fazer higiene pessoal porque... porque agora podemos”**.